

Durval Checchinato

Introdução:

Este pequeno ensaio é uma tentativa de ligar psicanálise e literatura. Certamente psicanálise e análise de texto não são a mesma coisa.

Mas tendo em vista que nada no sujeito é ao acaso, nem mesmo ao escolher de um número, como diz Freud, com certeza ao escrever o escritor é movido pelo seu inconsciente e quem o lê não o é menos. Poderíamos falar de um texto, letra sobre uma folha de papel, o texto escrito, o texto do real, um texto que está à disposição da geração contemporânea e futura e um texto produzido, isto é, um texto que cada leitor produzirá sobre o texto escrito.

O texto escrito faz parte do real porquanto se impõe ao imaginário e ao simbólico de cada leitor. Ora, é graças a esse recurso que um novo texto pode ser produzido, um texto que vai além de uma pura interpretação subjetiva, pois fará parte necessariamente de um novo real.

Talvez com justeza possamos destacar uma "leitura" diferente para a prosa, essencialmente o romance, e a poesia.

O romance se baseia numa fantasística que se impõe como na trama e no desfecho. O leitor é conduzido por essa fantasística, fascinado mesmo por ela graças ao simbólico. A poesia, porém, já não se serve tanto do imaginário. A poesia inova, cria novas facetas do real, e dele nos oferece uma leitura estética. A poesia encanta pela arte do bem-dizer, pela precisão em dizer aquilo que pressentimos mas não temos meios para o dizer.

É nesse particular que a poesia se aproxima da psicanálise: ambas se ancoram na ortodoxa e, por isso mesmo, ambas "sabem" o momento exato da interpretação certa senão certaíra. A afinidade e a convivência com os poetas enriquecem a escuta psicanalítica, dotando-a de precisão e eficácia.

Eis aqui uma tentativa de um "texto produzido" pela leitura e releitura de um soneto do poeta Heládio Brito.

DURURDIDURA

e urde a rude rede um mar irado

e onde era ontem seda e renda puras

engrossa se o teor e o tear duras

fibras enliça de um e outro lado

difuso uso de um fuso desusado

junta essa juta e enlaça estas texturas

e puxa os fios às úmidas figuras

que alça alto a baixo o espaço repuxado

e dure enquanto dure essas criaturas

de água e álga e algo e nada nas usuras

do tempo neste pano aonde irá do

céu e mar, urdume e trama nas ranhuras

da fímbria ao largo atar negras alvuras,

pelo avesso, tapete conturbado

Notemos, não é "dura urdidura"

Não é "dura", pois "dura" faria pensar na terceira pessoa do verbo durar.

De outro lado, "dura" poderia ser adjetivo, o contrário de "mole", o que não é absolutamente o caso.

"Dururdidura" uma palavra-valise, se quiserem; eu prefiro ver aí a própria dinâmica do inconsciente. Freud fala de economia e de dinâmica ao descrever a trama do lcs. "Dururdidura" inclui os dois aspectos sendo que sempre um está imbricado no outro: "dinâmico", o lcs o é sem parar, até mesmo no comatoso; ele não cessa de "representar" diz Freud, ele "não cessa de não se inscrever", diz Lacan. "Dura urdidura" seria uma expressão descritiva, quase diria estática. "Dura urdidura" cobriria apenas uma visão momentânea, exclui o real pujante de um lcs em ação. "Dururdidura" é movimento, é a própria vida do lcs, quer estejamos conscientes ou em estado de vigília. Lá o sonho e cá os atos falhos nos revelam que a "tópica" (e este é o terceiro elemento empregado por Freud) é de uma vitalidade incessante.

Há um gozo que se realiza muito além do princípio do prazer, é o puro gozo do Outro. Só a morte pode estancar a "dururdidura" de uma pulsão que não tem como ser sopitada. Tanto é verdade que o autor inicia o soneto com letra minúscula, como que a nos convidar a entrar diretamente na trama do lcs, pura e simplesmente.

"Dururdidura" nos revela o que Lacan fala sobre a palavra: "a palavra traz em si a razão de sua produção". É assim que sem percebermos, enquanto ficamos a pensar em "dururdidura", o autor já nos compele com o vigor de seus versos e ei-nos presos de imediato na rede de malhas vigorosas e envolventes:

"e urde a rude rede um mar irado"

Que rede é essa? "Rude rede", rede de malhas resistentes e irresistíveis; não há como fugir delas. Elas nos enlaçam desde um "mar irado", um mar sem praias, incontido; um mar revoltado porque na desordem do narcisismo primário, desordenado, gozo infindo, abissal, destino dos estados psíquicos quase vegetativos ou do autismo avassalador. "Rude rede", "rede de significantes, jamais extingüíveis, destinados à repetição, à infalível repetição na fala da "vida cotidiana" ou na transferência. Repetição benéfica e salutar.

"Mar irado" de todos os sentimentos e de todos os amores, de todas as paixões. Nada, nenhum estado anímico que não seja portado pelo significante. Somente ele pode nos dizer que cargas leva em seu bojo. Sem ele nada poderíamos entender dos estados psíquicos.

A "rude rede" se impõe, pois

"e onde era ontem seda e renda puras"

no paraíso parasitário da criança no útero materno, nos sonhos da mãe que a porta e nos ideais de ego de um pai que vislumbra a continuidade de sua descendência

"engrossa-se o teor e o tear duras fibras enliça de um e de outro lado"

O "teor" "engrossa" de todos desejos, de todos os ideais das "estruturas elementares do parentesco", das ideologias dominantes, das crenças e descrenças, os votos pela nova vida que emerge entre os humanos, o "teor" de um nome que alça o novo ser à família humana, transformando-o em um entre os seres humanos e imergindo-o na cultura, só se realizam porque o "teor" tomba no "tear" que tece o sujeito. "É no nome-do-pai que devemos reconhecer a função simbólica", diz Lacan (Écrits 278). As linhas que a lançadeira projeta de "um e outro lado" tramam em "duras fibras", jamais quebrantáveis, o sujeito, desde seu nascedouro. O poeta simboliza de maneira gráfica esse moto contínuo: seus versos não têm ponto nem a poesia termina em ponto final. A "dururdidura" simplesmente não tem ponto.

Mas o destino? Quem o sabe? Só o dia a dia vai decidindo o

"difuso uso de um fuso desusado"

Fuso novo, "desusado" diz o poeta, mas fuso que usa e que não cessará de usar a vida toda. O destino humano está traçado. "Difuso" para todos nós porque apenas nos damos conta dos reflexos, quero dizer dos sintomas que o "difuso uso" praticou.

"junta essa juta e enliça estas texturas"

Aqui já caminhamos na arquitetura de um lcs estruturado pela rede de significantes, diria Lacan. O poeta fala em "juta", juta que junta, treliça o tapete. O poeta fala também em "textura", a textura que resulta da treliça da juta. Textura, o próprio termo o diz: há um conjunto de texto, é a própria maneira como o texto está "urdido". Textura é também a concretude do texto, é a resultante de como foi tramado. "Textura" indica a especificidade de como o tapete se formou. O lcs não é outra coisa: ele é o real, a concretude da trama que tece o sujeito humano, ele é a própria especificidade do sujeito.

"e puxa os fios às úmidas figuras que alça alto a baixo o espaço repuxado"

O poeta especifica a topologia do lcs: trata-se de um "espaço", um espaço criado pelas texturas, esse espaço é costurado pelo "alto e por baixo". Um pouco antes o poeta falara que os fios que tecem a trama, a enlçam de "um lado e de outro". Aqui "alto e "baixo" amarram o espaço deixando-o "repuxado". Mas o que mais conta é que o fuso "puxa os fios às úmidas figuras". Úmidas, azeitadas pelo empuxo ininterrupto das pulsões. Longe de se tratar de um frio tapete, a textura é feita de letras cálidas que guardam os segredos dos desejos do sujeito assim como o sustentam em sua subjetividade. Por isso,

"e dure enquanto dure essas criaturas de água e alga e algo e nada nas usuras do tempo neste pano aonde irá do "

Enquanto as texturas, o espaço permanecerem - e dure enquanto dure - "essas criaturas" estarão garantidas. Jamais desaparecerão até que a morte ponha termo. Mas qual é a anatomia dessas criaturas? "Água", cristalina, límpida, leve, transparente, "alga", fonte de vida, de energia, com seus tentáculos esvoaçantes, "algo", indefinido, indefinível, nem é "alguma coisa" simplesmente "algo", "algo", a "incrível leveza do espírito", pois o próprio espírito dele se compõe, enfim o "nada", um nada que movimenta o desejo e especifica o sujeito. "Criaturas" de "algo" e "nada" que me movem e me sustentam e as "usuras do tempo neste pano" nada podem, pois a textura é definitiva, embora seja tramada por "algo" e "nada". As usuras do tempo tudo roem, menos o registro da pulsão, a rede significativa. O simbólico não padece dessa usura, pois perpetuamente permanece uma vez o registro efetuado e seu destino é se repetir no tempo cronológico com a imprevisibilidade de toda força de seu tempo lógico. "As legitimações simbólicas em função de que um homem assume o que lhe é conferido por outros, escapam inteiramente ao registro das habilitações capacitárias" (S.1 p.317)

"aonde irá do

"Céu e mar, urdume e trama nas ranhuras"

De "céu e mar" se compõem a textura: o logos, que tudo ordena, precipita-se com a limpidez da "água", "alga" e algo. O logos incessante entalha, esculpe, urde a pulsão mas sempre em arquiteturas de ranhuras. Destino funesto e ao mesmo tempo sublime em que o homem se constitui homem graças ao cortar-se de si mesmo. Sempre em exílio, da pulsão se subjetiva enquanto dela alcança a representação. A própria presença da ausência "trama" a subjetividade do sujeito elevando-o além do princípio do prazer e da realidade, constituindo-o como sujeito, sujeito de desejo, destinado ao gozo de poder partilhar do Outro. "Eu é outro",

dizia Rimbault, é preciso Outrar, "navegar é preciso", dizia Pessoa, Portugal é pouco, importa enfrentar os mares, criar novas fronteiras, levar ao mundo desconhecido a força, a coragem, a ousadia e a civilização portuguesa. Dignidade sublime, mas ao mesmo tempo dramática:

"da fímbria ao largo atar negras alvuras"

No princípio está o Logos - O Logos nomeia, isto é, identifica, ex nihilo cria o sujeito. O Logos ordena, urde, lança sem cessar o fuso. "Ao largo" da vida tece o tecido da história do sujeito. Tudo liga no urdume de céu, mar e terra. "Água". "algas" e "algo" nem sempre se tramam na cristalinidade da limpidez original. O real é impossível, nada o detém nem o contém. "Ao largo", não raro, o logos acaba por "atar negras alvuras". A incrível leveza do simbólico se torna carregada, forma núcleos patógenos, endurecidos, estagnados, real insuportável, inacessível, bloqueado. "Alvuras sombrias", atadas, enquistadas entre os fios das texturas, da juta tressada. Por vezes uma falha no próprio fio, um buraco no tecido geral, uma ameaça trágica às "alvuras" do simbólico, simplesmente sua ausência: tragédia, subjetivação esburacada, promessa de loucura. Mas nem sempre essa falha total, defeito de confecção, o mais das vezes o encaroçamento na trama de juta a impedir o deslizar tranqüilo dos fios afetados na rede do urdume. Trabalho difícil esse da análise.

"pelo avesso, tapete conturbado"

Sim, o avesso da psicanálise, é pelo avesso que a psicanálise descobre a frente do tapete: são os sintomas, apenas os sintomas, as falhas da fala, que nos falam do "teor" e do "tear", dos acidentes das "texturas", das "negras alvuras", "tapete conturbado". O avesso da psicanálise é o recalçado, o avesso do recalque na volta do sonho, da falha do discurso em "ranhuras". A escuta, a escuta silenciosa e única do trauma que abriga o "tapete conturbado", somente a escuta verdadeira, aquela que, destituída de todo imaginário, fica atenta apenas aos significantes que tecem a rede e registram a conturbação, apenas essa escuta possibilita que os nós se desfaçam e um novo rearranjo das "texturas" permita a livre circulação do sujeito. Desinquietamento do recalçado endurecido e repetitivo, eliminação do discurso do mesmo ou do semelhante, rompimento de uma relação narcísea, imaginária, cativante e aprisionadora, a psicanálise liberta o sujeito da dururdidura do trauma e lhe faculta um novo posicionamento em sua história numa mais levurdidura, própria aos libertos de espírito. Liberto da escravatura do semelhante ou do narcisismo avassalador, o sujeito agora pode outrar, impor ao Outro a partir do nada - ex nihilo - seu opus, sua criatividade em expansão.

"Dururdidura" infinda, glória e infâmia do sujeito do inconsciente, "dururdidura" da enunciação que, apesar de nós, nos forja e nos sustenta, "Dururdidura" benfazeja que nos constitui sujeitos, partícipes do Logos que tudo cria, tudo ordena, tudo cura, tudo salva.

Salve dururdidura!